

O mistério de “Camões pequeno”

Encontram-no perdido numa vinha em Machico. Um corpo sem rosto. Afogado em Vinho Madeira. Junto dele encontrava-se um poema de “Camões pequeno”:

Não lastimes, Baptista a minha sorte/
Nenhum abalo o dano me te faço; / Batem em
mim o golpe da desgraça;/ Bem como as ondas num rochedo forte.

O que antes era uma terra de descobridores tornar-se-ia num campo de morte. Seus habitantes começaram a fugir pela capital, temendo serem as próximas vítimas. Foi necessário a chegada de uma estrangeira para que o mistério fosse revelado.

Chegava ao Funchal o paquete *Queen Victoria*. Uma mulher toda trajada de negro observava maravilhada o movimento da baía da cidade. Seu olhar encontrava-se demasiado perdido na paisagem, para notar o vulto que se aproximava.

“É estrangeira?”

“ Inglesa. Nota-se assim tanto?”

“ Tenho a certeza que se fosse uma residente não estava tão maravilhada com a vista.”

“ De facto, tem razão. E o senhor?”

“ Venho de Lisboa.”

“Também está de visita?”

“ Infelizmente, não. Venho a negócios. Sou comerciante de vinhos.”

“ Diga-me. O Vinho Madeira é tão bom como dizem?”

“ Do melhor. Não provará outro igual. A senhora é mais uma encantada com as belezas da pérola do Atlântico?”

“Podemos dizer que sim. Meus avós paternos viveram muitos anos nesta ilha, e sempre falaram com muito carinho dos momentos felizes passados neste paraíso. Prometi visitá-la um dia.”

“ Estou a vosso dispor, se precisar de orientações. “

“ Espere. Não me disse o seu nome.”

O desconhecido já não a ouvia, e partia apressado ao encontro de outro comerciante.

De quem se tratava esta enigmática mulher? Figura majestosa, banhada de mar e melancolia no olhar. Elizabeth era o seu nome. Desde cedo viveu com o peso do sofrimento nos ombros.

Criança desconhecida de pais. Mortos por uma fatal doença. Foi criada pelos seus avós paternos. Os únicos momentos felizes da sua vida. As suas histórias iriam povoar para sempre na sua memória.

Nos poucos anos que pode desfrutar da sua sabedoria, a jovem inglesa cultivou um sério interesse pela literatura policial. Passava noites inteiras devorando os livros de *Agatha Christie* e *Doyle*. Ambicionava ser das primeiras mulheres inspetoras. Sua mente de criança inventada milhares de crimes por resolver.

Seus avós adoravam esse seu lado criativo, mas temiam que a neta sofresse no futuro. O mundo era cruel para as mulheres. Principalmente para aquelas com grandes sonhos. A sociedade inglesa no início do século XX ainda dava os primeiros passos para a emancipação feminina. Muitos mantinham-se contra o direito da mulher trabalhar, reservando-a apenas o papel de esposa e mãe. Por isso, as preocupações dos avós de Elizabeth eram realistas. Por mais incentivos dessem a sua leitura, também tentavam prepará-la para outras tarefas.

Com a morte desses a sua educação fora encarregada por uma tia autoritária. Esta desprezava crianças. Comportava-se como um general de exército. A liberdade foi conquistada com o casamento. O esposo tratava-a como uma princesa, enchendo-a de regalias. Contudo fora obrigado a alistar-se, vindo a morrer na batalha de Dunquerque.

Antes de a guerra começar, esta mulher aventureira estava prestes a lançar-se num projeto ambicioso. Com a ajuda do seu companheiro pretendia construir um gabinete para mulheres inspetoras, no qual investigariam os casos ignorados pela polícia local. Na sua maioria tratava-se de pessoas desaparecidas, mas como eram desconhecidas e bastante pobres a polícia não conferia a importância devida. Elizabeth queria ser a voz da justiça. Ajudar aqueles que verdadeiramente precisavam de ajuda.

Depois da morte do marido o projeto ficou sem efeito, ninguém dava credibilidade a uma viúva. Consideravam-na louca por querer empreender num emprego masculino. Devia dedicar-se a costura, e passado o tempo de luto casar-se de novo.

Ela nunca quis casar de novo. Não por ter amado imenso o falecido esposo. Ele fora mais um grande amigo do que marido. Apenas considerava ser capaz de sustentar-se sozinha. Era uma mulher sem medo do trabalho, e seria capaz de trabalhar numa fábrica de têxteis para sobreviver.

Solitária e sem ninguém com quem contar, Elizabeth parte numa longa viagem. Tinha chegado ao seu último destino. Pensava em estabelecer-se na Madeira, se a ilha fosse de facto a tranquilidade descrita.

Das milhares de histórias que os seus avós contavam, as suas preferidas eram as passadas na Madeira. A descreviam como “ o seu pequeno paraíso”, “ o seu éden eterno”, “ a Atlântica perdida”. A amavam pelas suas belas florestas, a sua imensa tranquilidade, a hospitalidade dos seus habitantes, pelo prazer de vislumbrar ao mesmo tempo mar e serra.

A pequena Elizabeth recordava da emoção de sua avó ao descrever Machico. Podia não ser o centro da ilha, não possuir grandes Cafés ou Hotéis mas tinha sido naquela vila que os primeiros habitantes chegaram. No século XV era em Machico as grandes decisões tomadas, a História começara lá. Tristão Vaz componha versos que alegravam os serões da nobreza e do povo. Pela sua fama de galentador ficou conhecido por Tristão das Damas.

Ela imaginava Tristão Vaz com o seu companheiro Gonçalves Zarco reunidos discutindo os assuntos do reino, preparando a sua próxima viagem em nome da coroa. Afinal haviam sido aqueles dois descobridores a descobrirem a Madeira. Numa noite de tempestade procuraram abrigo numa ilha que viria a chamar-se Porto Santo. Mais tarde viriam a povoar a ilha, Machico ficaria entregue a Tristão Vaz. Nem sempre exercera o seu poder com justiça, veria a ser desterrado da sua jurisdição por abuso de autoridade. Contudo haveria de ser perdoado, e o seu nome sempre seria lembrado.

Para Elizabeth aqueles descobridores estavam no mesmo patamar dos grandes reis e generais, dos seus heróis lendários. Tornavam-se no *Robin Hood*, em *Ivanhoe*, o *rei Artur*, *Capitão Ahab*. Eram heróis reais que arriscavam sua vida todos os dias, em busca de fama e fortuna para o seu país. Num mundo sem existência de grandes navios, com pouco conhecimento de cartografia e onde todas as os caminhos marítimos se encontram por descobrir, estes homens enfrentavam grandes perigos para estabelecer as suas trocas comerciais.

Machico foi o local escolhido para a segunda lua-de-mel dos seus avós e acabou por tornar-se uma casa para eles, e quando tiveram de regressar à Grã-Bretanha deixaram uma enorme fila de amigos que fizeram questão de acompanhá-los ao porto.

Elizabeth esperava que a Madeira possibilitasse memórias tão felizes como as guardadas pelos seus avós. Como ela gostaria deles poderem estar vivos para acompanhá-la naquela jornada!

Machico acordara sobressaltado. Um agricultor encontrara na madrugada um corpo. Aparentava ser de um jovem, mas mal se conseguia detetar a sua face. Encontrava-se retalhada, toda coberta de vinho para esconder a ferida. A polícia aparecera rapidamente, mas o enigma mantinha insolúvel. Quem era aquela vítima? Quem seria capaz de um acto tão bárbaro?

Desde do grande saque dos corsários no século XVI, que aquela cidade não testemunhava algo daquela magnitude. Nesse período, a pirataria era bem conhecida por o dinheiro ser usado na luta contra a coroa. François de Clerc correspondia um dos corsários mais famosos, conhecido entre os espanhóis como o *Pata de Palo*, pelo facto de possuir uma perna de pau.

Ao longo do século XVI provocou o terror nas ilhas, começando por incendiar a vila de Santa Cruz em La Plama nas Canárias em 1553, saqueando no ano seguinte Santiago de Cuba e veio também roubar as vilas da Calheta e da Ponta de Sol. Viria e morrer em 1563 nos Açores quando se preparava para atacar uns galeões espanhóis carregados de ouro.

O ataque dos piratas na Madeira teve início no dia 3 de outubro de 1566, comandado pelo capitão Pierre Bertrand de Monluc. Acredita-se que o capitão francês estaria à procura do afamado açúcar de cana, por ser um produto caro não se encontrava em qualquer mesa e a França tinha falhado nas suas tentativas de introduzir o produto no país.

A Madeira do século XV era um dos principais exportadores de açúcar, não era de admirar que muitos cobiçassem esta iguaria tão rara de encontrar no mercado. O problema devia-se o facto de o mar estar dividido entre os portugueses e espanhóis, e os franceses ainda que protestando não conseguiam ter acesso as rotas que lhes permitia o comércio com África e a Índia.

Fontes seguras revelam ter sido um português responsável pelo sucesso da empreitada na Madeira. Gaspar da Caldeira, moço de câmara do Cardeal Infante D. Henrique, tencionava fazer fortuna na costa africana mas foi apanhado a traficar ouro e mandaram-no para o degredo. Buscou refúgio em França, e assim que teve a oportunidade para a sua vingança. Terá sido ele a contactar os corsários e a leva-los para a ilha da Madeira em sete naus.

O saque durou quinze dias, levando à destruição de igrejas conventos e muitas casas abastadas no Funchal. Os açúcares e os vinhos que não conseguiram carregar foram despejados por terra. Nas vilas de Machico e Santa Cruz as pessoas juntaram-se nas montanhas para contra-atacar. O ataque teve seu fim a 18 de outubro.

Agora um psicopata surgia na vila dos descobridores. Poderia ser um descendente desses piratas? Talvez o espírito de Gaspar da Caldeira regressasse, para finalizar a sua vingança. Os habitantes de Machico já imaginavam as teorias mais mirabolantes.

As mães protegiam as suas crias. Os agricultores suas terras. E as beatas pediam protecção a Nossa Senhora dos Milagres. O aluvião de 1803 não tinha destruído a antiga cidade de Tristão Vaz, não podia um simples homem acabar com a sua reputação.

Machico, tendo sido terra de grandes descobridores, via-se reduzida a uma cena de crime. Ao lugar em que todos queriam escapar. Pareciam ter esquecido as suas façanhas. Dos grandes nomes que a haviam povoado. Das suas grandes conquistas.

Todo resumia-se aquele corpo. O corpo desconhecido assombrava os habitantes. Alguns acreditavam ter visto o seu fantasma? Mas teriam visto o seu rosto?

Ninguém dizia recordar de nenhum acontecimento estranho na noite anterior. Apenas os cães mostraram-se mais violentos. Poderiam eles adivinhar? Não deixavam de ser animais. Como poderiam eles saber?

De repente, um jovem padre recordou-se de algo anormal na noite anterior. Na calada da noite surgia-lhe na sacristia um homem de capa preta. Implorava ajuda. Parecia petrificado. Como se tivesse visto algum morto vivo.

“ Senhor padre, eu penso estar sendo perseguido.”

“Quem o persegue?”

“ Não sei. Não lhe vi o rosto. Mas já não é a primeira vez. Alguém vigia os meus passos!”

“ Não serão coisas da sua cabeça? Sabe que muitas vezes temos a tendência de exagerar os acontecimentos. Podia ser apenas um pobre agricultor dirigindo-se para a sua moradia, e o senhor já imaginou estar sendo perseguido.”

“ Se não me der guarida esta noite, provavelmente me encontrará morto amanhã.”

O jovem padre recusou dar abrigo, pensando tratar-se de algum louco. E agora aparecia este corpo. Seria um mero acaso?

Mas não era ele o único que escondia segredos. O agricultor, responsável por encontrar o corpo, também escondia informações imprescindíveis. Na mesma noite do assassinato, o agricultor tivera uma forte discussão com o primo e o ameaçara de morte.

A situação era a seguinte. Desde do seu nascimento gerava-se um enorme conflito de interesses por causa de um pedaço de terra. O pai do agricultor considerava por ser o único que trabalhava na terra, também seria justo ser o único herdeiro daquela herança. Mas o irmão também exigiu ter uma parte desse terreno. Com a morte do pai, a guerra continuou entre os primos. Pois o primo do agricultor era um encostado pouco interessado na agricultora, e o agricultor não cria oferecer parte daquela terra a alguém que não a valorizasse.

A noite anterior havia sido a gota de água. O agricultor o ameaçou com a enxada.

“ Não te ofereço nem mais uma *semilha*, seu ingrato. Por anos comendo na nossa mesa de graça. E é assim que agradeces. Exigindo ter parte dos lucros dos meus anos de trabalho?”

“ Resolveremos todo a bem, primo. Conheço um bom advogado ...”

“ Não quero advogados. Tu e os teus advogados podem levar com a minha enxada, se tentarem ser muito espertos. Desaparece, seu malandro. E não voltas.”

Teria o agricultor assassinado o primo, e fingido não reconhecê-lo? Poderia ser capaz de praticar tal acto?

Elizabeth chegava aquela encantada cidade, sem ter conhecimento do crime. Pretendia conhecer apenas o lugar em que os seus avós se amaram. Mas vê-se impelida a desvendar aquele assassinato.

De imediato, a sua mente identificou um pedaço de papel que havia passado despercebido as autoridades. Correspondia a versos, no qual o autor não estava identificado.

Não lastimes, Baptista a minha sorte/
Nem abalo o dano me te faço;/
Batem em mim o golpe da desgraça; / Bem como as ondas num rochedo

“ São os versos de Camões Pequeno. Será este o meu Afonso? Ele amava poesia e por vezes declamava.”

“ Quando foi a última vez que o viu?”

“ Há duas noites atrás. E não parecia o rapaz amoroso por quem me apaixonei.”

“ Como assim? Pareceu-lhe assustado?”

“ Afonso sempre foi diferente dos outros rapazes. Escrevia versos. Recusava ter um trabalho fixo. A maior parte dos dias vivia com a cabeça no ar. Ele era um sonhador. Mas a última vez que o vi estava muito mudado. Não parava de afirmar estar a ser perseguido. Acreditava que alguém queria matá-lo.”

“ Não levou a sério as suas palavras?”

“ Como podia? Todos pareciam adorar Afonso. Nunca imaginei que alguém pudesse matá-lo.”

“ Não conhece ninguém que teve alguma desavença com o seu namorado, nos últimos tempos?”

“ Houve uma vez um comerciante... Mas ele não seria capaz. O senhor era um cavalheiro. E desculpou-se logo.”

“ Pode parecer um acontecimento sem importância, mas numa investigação cada pormenor conta. Todos os factos irão ajudar na procura do assassino.”

“ Uma vez, Afonso aborreceu-se com um importante comerciante de vinhos. Insultou-o chamando o homem de corrupto, pois descobriu o seu negócio sujo. O tal comerciante parece que fazia contrabando. Ele ficou furioso, e ameaçou atirar Afonso para às galés. No entanto, no fim lamentou o sucedido e prometeu livrar-se do vício. A senhora pensa ter sido esse homem, a matar o meu Afonso.”

“ Por enquanto ele é apenas um principal suspeito. Precisamos de mais provas para acusa-lo de homicídio. Mas as provas apontam para a sua direcção, nomeadamente o corpo estar coberto de vinho.”

“ Meu deus! Não acredito que ele teve a coragem de aparece. Deve ser mesmo ele o assassino.”

Elizabeth vislumbra a figura que se aproximava. Era o desconhecido com quem trocara amáveis palavras no navio. Tinha-se mostrado tão prestável, se disponibilizou a mostrar a ilha e agora tornava-se no principal suspeito num crime. Quem era aquele comerciante, afinal?

Personagem charmosa, sempre cativando os outros com o seu sorriso fácil e a sua boa conversa. Começara muito jovem o negócio dos vinhos, por influência paterna. Contudo acabou por confiar nas pessoas erradas, e por cair na encruzilhada do mundo do crime. Na primeira vez que pratica contrabando, vendendo vinho de boa qualidade a baixo preço, não previu que tal ação provocasse crises no sistema da empresa e muito menos pensou ter alguém conhecimento daquele negócio.

Afonso, o jovem idealista, foi o único capaz de o chamar à razão. Nesse tempo, o comerciante era um jovem arrogante, acreditava ter o mundo aos seus pés. Seu pai era um homem bastante influente na ilha, possuidor de muitas propriedades e detinha parte dos lucros. Por isso, o filho considerava poder comandar o comércio como queria e odiava ser contrariado.

“ As suas ações têm consequências, senhor comerciante. Já pensou no prejuízo que os seus negócios sujos provocam nos investimentos do seu pai?”

“ Quem é o senhor para dizer o que devo ou não fazer?”

“ Não sou ninguém para o fazê-lo. Queria apenas abrir-lhe os olhos. Aconselhá-lo a sair do contrabando, antes de ser tarde de mais. Se continuar nesse caminho só causará sofrimento, ...”

“ Por favor cale-se ou eu atiro para às galês.”

Ao observar a expressão de pavor causada, o comerciante arrependeu-se imediatamente das palavras ditas. E garantiu deixar o contrabando. Havia algo especial em Afonso. Parecia ter o poder de transformar dos homens, levando-os na direção do caminho do bem.

“ Que agradável surpresa! Não esperava, encontra-la tão cedo. Tentei descobrir o seu nome nos registos do navio, mas foi impossível.”

“ Seria capaz de matar um homem a sangue frio, cavalheiro?”

“ Trate-me por Henry. Não esperava uma indelicadeza dessas da sua parte, senhorita...”

“ Elizabeth. Foi cometido um crime nesta encantadora vila. E até agora o senhor foi o único que teve desavenças com o falecido.”

“ Como conseguiu reconhecer o corpo? O rosto está totalmente transfigurado. Nem um cão eu reconheceria nesse estado. A senhorita agora é polícia? Da última vez que nos vimos era uma simples turista.”

“ As circunstâncias me levaram a investigar este caso. Informe-me apenas onde esteve ontem a noite. “

“ Não é que lhe deva explicações, senhorita Elizabeth. Mas como simpatizo consigo, deixarei com que prossiga este interrogatório. Ontem à noite estava nas docas, reunido com alguns amigos comerciantes. Também foi a taberna. Encontrará muitas testemunhas que garantem a minha inocência. Deseja saber mais alguma coisa.”

“ Recorda-se de um jovem chamado Afonso o ter acusado de contrabando?”

“ Pensa ser esse o corpo desse Afonso? De facto essa situação aconteceu. Mas eu deixei essa vida. E eu nunca desceria tão baixo apenas para manter a minha reputação.”

Todos os companheiros de Henry, o proprietário da taberna e mais outros clientes garantiram a inocência do comerciante. Não era ele o autor do crime. Quem restava?

O jovem padre e o agricultor. Também eles estavam de algo modo envolvidos neste crime. Mas não era nenhum deles, o assassino. A figura a pedir abrigo fora de facto a vítima. Sentindo-se constantemente vigiado por uma sombra, Afonso achou ser a igreja o único lugar seguro. Mas ele enganara-se. Ele seria sempre visto como um louco. Estava condenado desde do começo.

Quanto ao agricultor, este teve apenas o infortúnio de encontrar o corpo. A sua discussão com primo não se encontrava relacionada com o crime. O primo acabou por imigrar para o Brasil, sem não mais reclamar da sua parte da herança.

A todas estas personagens, Elizabeth já tinha investigado e começava a acreditar ser um crime impossível de ser resolvido. Por vezes sentia se não ter sido melhor ter permanecido no seu país natal. No entanto, essas dúvidas sanavam quando observava os olhares dos populares que acreditavam ser ela a solução para aquele problema.

“ Já pensaste que pode ter sido a namorada? Desviou as atenções para mim, quando a verdadeira culpada é ela. Quem mais conhecia aqueles versos? E quem mais tinha conhecimento da minha desavença com o Afonso? E depois não achas estranho ela conseguir identificar o corpo, quando ninguém consegue ver o rosto da vítima?”

“ Não faz sentido essa tua teoria, Henry. Terias de partir do pressuposto que ela identifica o corpo por remorsos? Este crime não parece ter sido passional. E também não me parece que este criminoso queira ser apanhado. Ele é experiente. Cada pormenor exposto no corpo é uma pista para descobrir a origem do crime. Se olhares com atenção o cenário é como uma tela. O assassino mata em nome da arte. Ou achas ter sido mero acaso, a sua marca de assinatura ser uns versos de um poeta local?”

“ Pelo que soube a vítima era um poeta apaixonado pela poesia de Francisco Álvares de Nóbrega. Se o criminoso quisesse homenagear o Camões Pequeno teria encenado um suicídio. Afinal esse grande poeta suicidou-se, ingerindo uma grande dose de láudano. Onde encaixa-se o vinho nessa história?”

“ Não conheces a lenda do Duque de Clarence? Os populares afirmavam ter morrido afogado num barril de Vinho Madeira. Shakespeare o refere na sua peça *Richard III*.”

“ Ele é um poeta ou actor?”

“ Acima de todo parece ser um amante das artes. Tenciona sensibilizar na forma mais drástica para a perda da cultura. Tal como “Camões Pequeno” este jovem foi um poeta desvalorizado no seu tempo. Cheio de sonhos, livre pensador e disposto a mudar o mundo. Mas o mundo não permite ser mudado, e ele teve de morrer.”

“ Pareces ter encontrado o motivo do crime. Mas e o assassino? Se não é a namorada, quem é este criminoso?”

“ Talvez nunca descobriremos. Esta é uma pessoa que gosta de interagir nas sombras. Provoca assassinatos acreditando estar fazendo o bem na população. Cada morte é um aviso. Cada vítima é o seu cordeiro imolado.”

“ Voltará então a atacar. Talvez seja melhor permanecer na Madeira. Para o caso de a polícia necessitar de ajuda em novos crimes.”

“ Mesmo antes de ser obrigada a transformar-me em *Agatha Christie*, eu tencionava transformar esta bela ilha na minha nova casa. Estou precisando de tranquilidade na minha vida.”

“ Talvez não encontre assim tanta tranquilidade como esperava. Devia ter um novo nome, um nome impactante que a torne num inspetor de respeito como *Hercule Poirot*. O que achas de Lady Scarlet?”

“ Lady Scarlet... Imponente. Lembra-me a minha avó. O que pensaria ela desta minha nova profissão?”

“ Tenho a certeza que ela teria muito orgulho de ti, Elizabeth. Já pensas-te onde irás viver?”

“ Estava a pensar em permanecer em Machico. É uma forma de manter a memória dos meus avós vivos, e depois tenho a esperança de o criminoso voltar ao local do crime.”

“ Não acredito. Acho melhor também mudar o local da minha residência. A tua ingenuidade te levará ao perigo. E esse criminoso não parece ter medo de senhoritas indefesas.”

“ Eu sou muito capaz de me defender sozinha. Sobrevivi à uma tia autoritária, à comentários maldosos e uma viagem de navio. Posso muito bem defender-me de um criminoso sem coragem para revelar-se. Apenas desejas ajudar-me para livras-te do teu passado de contrabando.”

“ Se a senhorita tem tanta certeza, talvez seja melhor voltar para Lisboa. Parece que a minha presença a prejudica mais do que ajuda.”

“Desculpa, Henry. Não tinha direito nenhum em te ofender. Estou desiludida por não ter solucionado este homicídio, e descarreguei a minha fúria em ti. Sei como é difícil para ti livras-te do teu passado. Mas eu acredito seres agora um homem diferente.”

“ Agora somos uma dupla. Tal como o *Dr Watson* e o *Sherlock Holmes*. Será perfeitamente normal que por vezes tenhamos estas discussões. E eu percebo perfeitamente a tua desilusão, também queria descobrir a identidade desse assassino. Um dia iremos encontra-lo, prometo.”

Ao longe, uma sombra observava a nova dupla de detetives. No rosto tinha uma cicatriz formando um Z, sinal da luta da vítima para sobreviver. Trajava um longo manto preto que escondia os seus suaves cabelos loiros. Olhava com atenção Elizabeth, satisfeito por ela entender a sua mensagem. Apenas lamentava de ela estar do lado errado. Tal como a vítima era um idealista. Pensava ser capaz de mudar o mundo com palavras bonitas. Que o bem vencia sempre o mal. Parecia que a vida não lhe ensinara nada.

Como podia ela continuar a ter fé na humanidade, quando os humanos a desprezavam por ser mulher e tentar ser diferente? Mais iludido era o seu companheiro, achando que seria capaz de conquistá-la por trabalhar a seu lado. Elizabeth era uma mulher independente, incapaz de se deixar prender por qualquer homem.

Estavam enganados pensando que ele voltaria ao local do crime. Podiam tentar adivinhar a sua identidade. Talvez deixasse algumas pistas. Deixaria aquele jogo divertido.

Ele começaria uma revolução. Construiria uma nova Inquisição. Não queimaria livros. Queimaria artistas. Talvez assim o povo passa-se a valorizar a Literatura. Começasse a dar mais valor aos seus escritores.

Afonso fora apenas o primeiro dos muitos mártires em nome da arte. O escolhera quando o vira declamando a poesia de Camões Pequeno, tendo como público apenas a sua namorada. Passava os seus dias em busca de uma oportunidade de brilhar na escrita. Mas todos lhe fechavam as portas. Ele nunca seria feliz, continuando passeado nas ruas e sendo ignorando.

Quem seria Afonso se tivesse sobrevivido? Um desgraçado, um inútil sem emprego que vivia com esperança de viver dos seus versos. Acreditava ser capaz de compor poesia tão grandiosa como a de Francisco Álvares da Nóbrega. Mas os tempos eram outros. Ele não vivera na pele os mesmos sofrimentos de “Camões Pequeno”, nem tivera a mesma solidão constante. Seria o seu nome digno de ser preservado do futuro?

Existem pessoas demasiado boas para este mundo. Que passam pelo caminho dos outros e os transformam. Afonso no pouco tempo vivido entre os vivos trouxe luz à desconhecidos, possibilitou a mudança de muitos que tinham perdido o seu caminho.

Mas precisou de morrer, para as pessoas começarem a quer conhecer os seus versos. O criminoso Z apenas lhe deu o golpe de misericórdia. As pessoas nunca compreenderiam verdadeiramente este sonhador, incapaz de samear discórdia e sempre com esperança de viver num mundo sem guerras.

Esta figura misteriosa desviou a atenção da Lady Scarlet, e centrou-se na presença de uma mulher de chapéu cor-de-rosa. Demonstrava ser uma senhora de posses, devido às suas enormes joias penduradas no seu delicado regaço e o seu vestido feito com a mais pura da seda das Índias ornamentado com filigrana. A sua presença destacava-se da multidão pelos seus longos cabelos negros, seus olhos verdes como duas esmeraldas e por possuir um sorriso encantador.

A mulher abastada bebia seu chá no *Golden* ao mesmo tempo que pincelava o movimento a sua volta. Teria ele encontrado mais um artista? Seria aquela mulher um talento desconhecido? Impedida de brilhar talvez pelo seu marido ou seus pais. Se ele aproximasse mais um pouco, descobriria os segredos escondidos por detrás daquela figura bela.

Tarde de mais. Outra mulher surge no caminho. Ao contrário dela, esta não tinha traços tão penetrantes. Constituía mais uma beleza vulgar. Aquelas mulheres de cabelos loiros e azuis admiradas por Petrarca, e consideradas por muitos como a beleza ideal. Mas os humanos raramente valorizavam o diferente. Quem era aquela amiga comparada com a mulher capaz de dar vida ao movimento das ruas?

A amiga impedira o encontro. Surgiria outra oportunidade em breve. Quando a encontrasse de novo abordaria sobre pintura. E entenderia se tinha encontrado a próxima *Isabel França*.

Quem era o criminoso Z? Era Ninguém. A voz do padre. A voz do agricultor. A voz do camponês. A voz do comerciante. A voz do estrangeiro. A voz do mal amado. A voz do desprezado. A voz dos invisíveis. A voz dos oprimidos.

Lady Beast